

## ACADÊMICOS DO SALGUEIRO



entre  
0h50 e  
1h10

## Corpo fechado para cruzar a Sapucaí

Escola evoca as tradições populares de autoproteção desde as mandingas trazidas ao Brasil pelo povo malê

O Salgueiro levará à Marquês de Sapucaí, neste carnaval, o enredo “Salgueiro de corpo fechado”. A vermelho e branco da Tijuca revisita uma tradição que tantas vezes a levou à disputa do título: a exaltação das matrizes africanas.

O carnavalesco Jorge Silveira afirma que este desfile representa um retorno às origens da escola num “mergulho sério e profundo na diversidade das culturas religiosas do Brasil”. A proposta é blindar simbolicamente o Salgueiro para atravessar a grande encruzilhada do sambista — a Sapucaí — recorrendo à memória afetiva e a seus ícones mais marcantes. “É o Salgueiro descendo o morro para disputar o carnaval, cruzando essa jornada tanto no plano material quanto no espiritual. Nosso enredo traduz na avenida os rituais de fechamento de corpo presentes em diferentes tradições religiosas brasileiras”, afirmou.

A narrativa começa com a chegada de africanos muçulmanos escravizados à Bahia, em especial os mandingas do Império Mali, no Norte da África. A partir daí, percorre diferentes manifestações da busca por proteção espiritual.

A cultura das bolsas de mandinga, trazida por esses povos, influenciou rituais e elementos da cultura brasileira. Nosso desfile passa pela Bahia, com os chamados escravos



Roberto Narciso/Agência Brasil

**O enredo salgueirense evoca as mandingas trazidas da África e viaja por outras crenças populares Brasil afora**

malês, pelo Nordeste e sua tradição do cangaço, pela sabedoria indígena e, por fim, retorna ao Rio de Janeiro

para destacar a umbanda, o candomblé e a malandragem carioca.

O desfile se inicia com o Salgueiro descendo o morro e fortalecendo sua própria proteção. Em seguida, a narrativa resgata o legado do povo mandinga e a influência dos africanos escravizados. O trajeto avança pelo sertão nordestino, onde o cangaço incorporou amuletos e patuás, e segue pelo Norte e Nordeste para destacar a herança indígena. Nos setores finais, o enredo desembarca no Rio, evocando a espiritualidade afro-brasileira e o universo da boemia carioca.

### FICHA TÉCNICA

**Presidente:** André Vaz

**Fundação:** 1953

**Enredo:** Salgueiro de corpo fechado

**Carnavalesco:** Jorge Silveira

**Intérprete:** Igor Sorriso e Charles Silva

### O SAMBA-ENREDO

Salve, seu Zé, que alumia nosso morro Estende o chapéu a quem pede socorro / Vermelho e branco no linho trajado / Sou eu malandragem de corpo fechado / Macumbeiro, mandingueiro, batizado no gongá / Quem tem medo de quiumba não nasceu pra demandar / Meu terreiro é a casa da mandinga / Quem se mete com o Salgueiro, acerta as contas na curimba (2x) / Prepara o alguidar, acende a vela / Firma ponto ao sentinela / Pede a bênção pra vovó / Faz a cruz e risca a pomba / Que chegou Exu Pimenta e a falange de Xangô / Tem erva pra defumar, carrego o meu patuá / Adorei as almas que conduzem meu caminho / É mojubá, marabô, invoque a Lua / Que o povo da encruza não vai me deixar sozinho / Sou herança dos malês, bom mandingo e arisco / Uso a pedra de corisco pra blindar meu dia a dia / No tacho, arruda e alecrim, ô / Bala de chumbo contra toda covardia / Tenho a fé que habita o sertão / De Lampião, o cangaceiro / Feito Moreno, eu vou viver / Mais de cem anos no meu Salgueiro / Tenho a fé que habita o sertão / De Lampião, o cangaceiro / Feito Moreno, eu vou viver / Mais de cem anos no meu Salgueiro / Sou espinho qual fulô de macambira / Olho gordo não me alcança / Ante o mal, a pajelança pra curar / Sempre há uma reza pra salvar / O nó desata, liberdade pela mata / E os mistérios do axé, meu candomblé / Derruba o inimigo um por um / Eu levo fé no poder do meu contra-egum / Salve, seu Zé, que alumia nosso morro / Estende o chapéu a quem pede socorro / Vermelho e branco no linho trajado / Sou eu malandragem de corpo fechado / Macumbeiro, mandingueiro, batizado no gongá / Quem tem medo de quiumba não nasceu pra demandar / Meu terreiro é a casa da mandinga / Quem se mete com o Salgueiro, acerta as contas na curimba (2x) / Prepara o alguidar, acende a vela / Firma ponto ao sentinela / Pede a bênção pra vovó / Faz a cruz e risca a pomba / Que chegou Exu Pimenta e a falange de Xangô / Tem erva pra defumar, carrego o meu patuá / Adorei as almas que conduzem meu caminho / É mojubá, marabô, invoque a Lua / Que o povo da encruza não vai me deixar sozinho / Sou herança dos malês, bom mandingo e arisco / Uso a pedra de corisco pra blindar meu dia a dia / No tacho, arruda e alecrim, ô / Bala de chumbo contra toda covardia / Tenho a fé que habita o sertão / De Lampião, o cangaceiro / Feito Moreno, eu vou viver / Mais de cem anos no meu Salgueiro (2x) / Sou espinho qual fulô de macambira / Olho gordo não me alcança / Ante o mal, a pajelança pra curar / Sempre há uma reza pra salvar / O nó desata, liberdade pela mata / E os mistérios do axé, meu candomblé / Derruba o inimigo um por um / Eu levo fé no poder do meu contra-egum / Salve, seu Zé, que alumia nosso morro / Estende o chapéu a quem pede socorro / Vermelho e branco no linho trajado / Sou eu malandragem de corpo fechado